

## A visão queirosiana do jornalismo: um laboratório de ideias

Adriana Mello Guimarães  
(Universidade de Évora/CLEPUL –  
adrianamello@netvisão.pt)

### Resumo

Eça de Queirós é um dos romancistas portugueses mais importantes. No entanto, a sua obra jornalística ainda é pouco ou mal conhecida. Na sua época, ele foi cronista, diretor e redator de muitos jornais e revistas. Analisaremos uma parte desta produção: nomeadamente as crónicas d'*O Distrito de Évora* (1867), onde o escritor define jornalismo. Por outro lado, identificaremos os principais problemas da imprensa apontados por Eça de Queirós.

Palavra-chave: Eça de Queirós, Literatura e Jornalismo.

Abstract: Eça de Queirós is one of the most important Portuguese novelists. However, his work for the press is not well known. In his time, he used to be a chronicler, editor and director of many newspapers and magazines. We will examine a part of this work: the chronicles for *O Distrito de Évora* (1867), where the writer defines journalism. On the other hand, we will identify the main press problems according Eca de Queirós.

Key words: Eça de Queirós, Literature and Journalism.

### Introdução

Ao longo do século XIX, Portugal tornou-se palco de uma abundante tradição jornalística. Entre os escritores que emprestaram a sua pena à imprensa, um nome merece destaque: Eça de Queirós. Ele foi um dos mais prestigiados escritores a trabalhar no jornalismo.

Se atualmente a multiplicidade das fontes, acentuada por uma proliferação dos *media*, impôs um certo sentido crítico ao público que, de certo modo, condenou a imprensa ideologicamente comprometida com partidos ou religiões, no fim do século XIX, o cenário era bem diferente. Naquela época, os jornais ainda figuravam como suportes de intervenção política e social.

Acreditamos que ao publicar durante mais de trinta anos, Eça acabou por elaborar uma verdadeira teoria sobre o jornalismo. Pretendemos, com esta comunicação, identificar alguns pontos essenciais dessa teoria do jornalismo queirosiano, contextualizando-a com o periodismo oitocentista. Observaremos que o exame isolado dos factos parece-lhe precário e que Eça de

Queirós não se inibe de denunciar as imperfeições do jornalismo finissecular.

### 1. Breve percurso jornalístico

Eça de Queirós fez, ainda muito novo, a sua aparição no jornalismo. Julgamos que esta faceta do escritor foi determinante para o seu percurso de vida. Ao trabalhar com a linguagem, o jornalista aproximou-se do romancista; ao trabalhar sobre os factos sociais, ficou mais perto do historiador e, acrescentamos, do diplomata. Entre a ficção e a realidade, certo é que o jornalismo acompanhou Eça de Queirós ao longo de toda a sua vida. E na opinião de Gaspar Simões, “esse primeiro contacto com a mesa de redação obriga-o a um conhecimento da realidade que só o jornalismo pode dar, endurece-lhe a pena e modera-lhe a fantasia.” (Simões, 1961:127).

Lembremos, em primeiro lugar, aquilo que é fundamental no que respeita à participação de Eça e Queirós na imprensa periódica do seu tempo. Esta presença acontece por duas vias: a ficcional, pela inclusão dos seus contos e romances nos jornais e revistas; ou pela publicação dos próprios textos jornalísticos nos periódicos.

Com efeito, é na imprensa que Eça de Queirós se inicia como escritor, com um texto intitulado “Notas Marginais”, no jornal *A Gazeta de Portugal*. Publicados em duas séries – a primeira ao longo de 1866 e a segunda nos últimos meses de 1867 - os folhetins foram postumamente reunidos no volume intitulado *Prosas Bárbaras* (1903). Estes primeiros textos de iniciação despertaram a curiosidade do público, como podemos constatar na afirmação de Jaime Batalha Reis que serve de introdução às *Prosas Bárbaras*: “Os Folhetins de Eça de Queirós foram todavia notados; - mas como novidade extravagante e burlesca” (Reis, 2004:166)

De Janeiro até Julho de 1867, período de intervalo entre a publicação dos textos das duas séries da *Gazeta de Portugal*, Eça começou a escrever n'*O Distrito de Évora*. Neste periódico, o ainda jovem escritor analisa a situação nacional, publica crónicas avulsas e redige comentários à política internacional. Ou seja, Eça de Queirós redige duas vezes por semana, sem ajuda, todo um jornal, durante ininterruptos sete meses.

Para tentarmos demarcar o alcance dos seus textos n'*O Distrito de Évora*, consideramos os seguintes aspetos: o *Distrito de Évora* era um jornal financiado por José Maria Eugénio de Almeida, destinado a opor-se ao Governo; compunha-se de três páginas de texto (a quarta era destinada aos anúncios), todas escritas pelo próprio Eça, que estaria “ao serviço da ‘unha negra’ do Partido Histórico, ou seja, a esquerda da esquerda.” (Mónica, 2004:11)

O primeiro número d'*O Distrito de Évora* fora posto

a circular num domingo, dia 6 de Janeiro. O preço de assinatura anual era de 400 réis, ao passo que o preço avulso ficava por 40 réis. Como era típico da época, a redação, a administração e a tipografia do jornal funcionavam, simultaneamente, no mesmo local: na Praça D. Pedro, número 3 – A, que corresponde à atual Praça Joaquim António de Aguiar – edifício onde atualmente se situa a Pastelaria Violeta, na capital alentejana.

N'O Distrito de Évora, Eça de Queirós procurava ser testemunha dos problemas da sua época, manifestando um profundo desgosto pela incapacidade de modernização do Estado luso. Tal desgosto era justificado: no final do século XIX, instituições como a Justiça, a Educação e a Saúde eram ineficazes; havia uma incapacidade de os governos encontrarem respostas adequadas para a resolução dos problemas económicos. Predominava a mentalidade rural sobre a urbana. Consequentemente, a indústria era débil e dependia dos capitais estrangeiros. Até mesmo nos campos, com a inexistência de legislação social, a situação era complicada e originava a emigração para outros países da Europa ou para o Brasil. Além disto, as dívidas contraídas ao estrangeiro para propiciar a infraestrutura concebida pelo fontismo também vieram agravar a situação económica.

Entre 1868 e 1869, surge a invenção, juntamente com Antero de Quental e Jaime Batalha Reis, da figura de Carlos Fradique Mendes, que produz algumas poesias publicadas em 29 de Agosto, no jornal *A Revolução de Setembro*. A seguir, em Outubro de 1869, na companhia do Conde de Resende, Eça parte em direção ao Oriente. Com esta viagem, o jornalista transforma-se em repórter, indo ao local do acontecimento, sendo convidado a assistir à inauguração do Canal do Suez. Assim, posteriormente, o testemunho desta viagem surge, entre os dias 19 a 20 de Janeiro, com o título “De Port Saïd a Suez”, no recém-criado *Diário de Notícias*. Em seguida, o jornal *A Revolução de Setembro*, entre 13 de Abril e 8 de Julho, acolheu o folhetim “A morte de Jesus” que também foi escrito, embora ficcionalmente, por ocasião da viagem do escritor ao Egípto e à Palestina. Em 1870, no *Diário de Notícias*, é publicada a composição ficcional d’ *O mistério da estrada de Sintra*, escrita em parceria com Ramalho Ortigão. Ainda em 1870, no periódico *A República. Jornal da Democracia Portuguesa*, Eça publica o texto “Palavras sobre o jornalismo constitucional”.

Pela mesma altura, fruto de novos rumos estéticos e ideológicos, surgem os textos publicados n’*As Farpas*, que circularam com regularidade entre 1871 e 1872. A meio da redação d’*As Farpas*, Eça parte para o estrangeiro, nomeadamente para Cuba, onde fora colocado como cônsul.

Em Newcastle (1874), Eça inicia (a partir de 1877) a sua

colaboração com o periódico *Atualidades*, do Porto, que se prolonga até 1878.

Durante dezassete anos, entre 1880 e 1897, ainda que com alguns intervalos, Eça de Queirós elaborou muitos textos jornalísticos para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. O jornal carioca, na época, inovou. Este periódico contava com a colaboração de vários escritores brasileiros e portugueses, como Machado de Assis e Ramalho Ortigão, o seu preço era diminuto, e a venda era realizada na via pública. Neste jornal, Eça de Queirós elabora os seus relatos a partir dos episódios do quotidiano: ora temos temas políticos (ex: “Paris está amuado com a República”); ora o tema é a moda, ou a arte. Ao iniciar a colaboração com a *Gazeta*, Eça estava na Inglaterra, mas em 1888, o escritor passa a residir em Paris. Assim, os leitores portugueses e brasileiros acabam por “entrar” no ambiente “moderno” europeu através do olhar crítico do jornalista.

Foi por confiar na capacidade de intervenção cívica dos seus escritos que Eça de Queirós planeou, fundou e dirigiu a *Revista de Portugal* (1889-1892), uma publicação que se pretendia mensal e que contou com a colaboração de intelectuais brasileiros e portugueses. Apesar da brevidade da sua vida, a *Revista de Portugal* firmou-se como uma das mais cultas e elegantes publicações da sua época. Além disso, o público também pôde contar com os textos jornalísticos que Eça publicou na *Revista Moderna* entre 1897 e 1898. Administrada pelo jornalista brasileiro Martinho Botelho Filho, muito luxuosa, era dirigida a um público culto e sofisticado.

No entanto, alguns dos seus projetos nunca se concretizaram: em 1894, com Alberto de Oliveira, Eça de Queirós desenvolveu um plano para o lançamento de uma nova revista *O Serão*, mas o projeto nunca se chegou a realizar.

Deste longo percurso jornalístico, é de realçar também a capacidade que Eça revelou para criticar os costumes do seu próprio povo. É um sinal de maturidade. Um povo que não é capaz de rir de si mesmo, de se criticar, de realizar uma autoanálise, não chegou à maturidade.

Cabe, ainda, assinalar que, se Eça de Queirós se dedicou ao jornalismo por razões financeiras, tal pressão foi frutífera tanto para o escritor como para o jornalista, tendo como resultado uma obra híbrida particular. Ou seja, como afirma Elza Miné, “a obra jornalística de Eça constitui-se certamente numa forma particular de concretização do literário.” (Miné, 2000:44)

## 2.A visão queirosiana do jornalismo

A indústria é como o jornalismo. Utiliza e absorve muitas aptidões literárias. Necessita, como ele, ter ideias novas sob a pena de descair até arruinar-se de

todo, precisa sucessivamente de criar novos modelos e ter sempre invenção, frescura, imaginação e fecundidade inesgotável (Queirós, 2000:212)

Inserido num contexto oitocentista de profunda transformação tanto técnica como mental, Eça de Queirós expõe, nas páginas do jornal *Distrito de Évora*, algumas ideias sobre a imprensa periódica. Elza Miné assegura que tais ideias compõem uma verdadeira “teoria do jornalismo”, na medida em que evidenciam as principais funções da imprensa: informar; interpretar; atuar e intervir. Ou seja, Eça concebia um jornalismo de projeção para o futuro, onde era necessário relacionar os factos para melhor compreender e fazer entender. Para a autora, Eça apreende e expressa a realidade de uma forma subtil:

*Nos textos (jornalísticos), decorrência que são dessa situação particular de produção de linguagem, centrada na funcionalidade comunicativa, estão presentes as marcas de contacto, de integração e convencimento do leitor, e ainda, e sempre, a manifestação clara de uma subjetividade de que nunca se abdica. (Miné, 1986:14-20)*

Ao definir, no *Distrito de Évora* (1867) as funções e as potencialidades do jornal, Eça traçou as linhas mestras que deveriam pautar o comportamento profissional de um jornalista.

Vejamos, logo no primeiro número de *O Distrito de Évora*, que fora posto a circular no dia 6 de Janeiro, o que Eça de Queirós afirma:

*O jornalismo na sua justa e verdadeira atitude, seria a intervenção permanente do país na sua própria vida política, moral, religiosa, literária e industrial. [...] É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os atos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes. (Queirós, 2000: 9)*

Ou seja: acreditamos que Eça entendia o jornalismo como uma missão pedagógica de intervenção, um bem social capaz de educar o cidadão e lutar contra a indiferença generalizada. O jornalismo queiroso é explicativo, de análise. No entanto, em 1878, quando Eça de Queirós elabora a biografia de Ramalho Ortigão, o escritor

confessa que não se sente nada confortável no papel de jornalista/professor: “Fiquei aterrado: ensinar! Eu era, sou ainda, em filosofia, um turista facilmente cansado, em ciência um diletante de coxia.” (Queirós, 2000d:29) Modéstia à parte, as dúvidas pedagógicas queirosoianas acabaram por cessar. Afinal, passados pouco mais de vinte anos, em 1889, no programa da *Revista de Portugal* (Queirós, 1995: 109-116), o escritor afirma que a imprensa é fundamental para a educação do espírito. Logo a seguir, em 1897, na *Revista Moderna*, Eça confirma esta ideia ao escrever que “o melhor serviço desta Revista será quando nos guie através da obra incessante da Civilização” (Queirós, 2005:49).

Retenha-se, ainda, que Eça descreve a pressão que envolve a atividade jornalística como uma ação ininterrupta que se encontra muitas vezes acossada pelo poder dominante e a apatia generalizada:

*O jornalismo não sabe o que é o abatimento moral, o cansaço, a fadiga, o repouso. Se ele repousasse, quem velaria pelos que dormem? É áspero, trabalhador infatigável para quem não há noite nem aurora; a luta é terrível, é necessário conservar uma consciência satisfeita e uma energia poderosa para desprezar as calúnias, para afrontar os tédios e os desgostos, fazer face às hostilidades viperinas e incessantes que os poderes promovem, lutar, trabalhar, ter as suas convicções puras e fortes no meio do ódio de uns, do desleixo dos outros, da apatia de todos. (Queirós, 2000:10)*

Sublinhamos, ainda, que na obra jornalística queirosoiana é visível uma forte crítica social e está presente o combate à decadência e à inércia do país. De facto, numa sociedade onde o analfabetismo reinava - “o censo de 1878 ministra-nos elementos bem claros (...) em pouco mais de 4 milhões de habitantes, só 625 669, ou seja, 15,6%, sabem ler e escrever” (Serrão, 1983:53), o jornalista Eça de Queirós ainda tinha que conquistar os poucos leitores existentes.

Vislumbramos ainda um outro ponto importante. No jornal *O Distrito de Évora*, Eça de Queirós já demonstra ter plena consciência da natureza efêmera do jornal, quando afirma que:

*O jornalista (...) trabalha, derrama ideias, sistemas, filosofias sociais e populares, estudos refletidos, improvisações, defesas eloquentes, nobres ataques da palavra e da ideia; pois bem, tudo isso passa, morre, esquece; aquela folha delgada e leve onde ele põe o seu espírito, a sua consciência, a sua alma, perde-se, desaparece, some-se, sem esperanças de vida, de duração, de imortalidade, como uma folha de árvore*

ou como um trapo arremessado ao monturo. (Queirós, 2000:10-11)

A consideração da ideia de que no jornalismo os factos são passageiros, breves, momentâneos, mas que podem perdurar e ter consequências, sendo o jornal um “arquivo da opinião moderna” (Queirós, 2000:11), leva-nos a pensar sobre a relação que existe entre os jornais e a História. A questão do conhecimento histórico na cultura de um povo, e os seus desdobramentos na vida individual, é um tema recorrente na obra de importantes pensadores do século XIX europeu, e Eça de Queirós não foge à regra. De facto, no nosso mundo contemporâneo, já se considera o jornalista como um “historiador” do tempo presente. Sem o sentido da historicidade dos factos, faltaria ao jornalista esta visão global do tempo, e ele se perderia na superficialidade e no impressionismo dos factos ditos interessantes:

*O jornalismo ensina, professa, alumia sobretudo; é ele o grande constituidor do futuro [...] A história leal, verdadeira e elevada, pela filosofia que encerra, pelos métodos políticos que esclarece, pelas tradições que destrói e que consagra, pelas individualidades cujas influências estuda e penetra, esclarece e funda a política do futuro. (Queirós, 2000:11-22)*

Sublinhamos, ainda, que a teoria do jornalismo queirosiano chega ao ponto de procurar identificar alguns critérios de noticiabilidade. Ora, como se sabe, Os valores notícia são um aspeto fundamental da cultura jornalística. Segundo Nelson Traquina (2007, pp 171-213) a previsibilidade das notícias deve-se a presença de um conjunto de critérios e operações que determinam a aptidão de noticiabilidade de um assunto. Entre esses critérios, a proximidade é um dos fatores mais importantes na hora de escolher uma notícia, e é um dos critérios assinalados por Queirós numa crónica – onde o humor está bem presente – publicada nos dias 20 e 21 de setembro de 1897, no jornal carioca *Gazeta de Notícias*:

*A distância e o tempo fazem das mais grossas tragédias ligeiras notícias (...) Dois mil javaneses sepultados no terramoto, a Hungria inundada, soldados matando crianças (...) era sombra ligeira e remota. Mas o pé desmanchado da Luísa Carneiro esmagava os nossos corações... Pudera! Todos nós conhecíamos a Luisinha- e ela morava adiante, no começo da Bela Vista. (Queirós, 2002a:652,655)*

Mas será que, com o passar do tempo, a conceção

queirosiana de jornalismo sofreu alguma alteração? No programa de apresentação da *Revista de Portugal*, o escritor afirma que os jornais estão “diária e militantemente absorvidos na informação e na polémica” (Queirós, 1995:109). Ora, tal consideração já fazia parte da atribuição de funções da imprensa desde a época do *Distrito de Évora*, confirmando-se assim que os princípios defendidos pelo jovem jornalista permaneceram ao longo do tempo. De facto, ao observarmos o Programa da *Revista de Portugal*, constatamos que a prática doutrinária permanece. Afinal, Eça pretende: “Criar um órgão especial e profissional de Crítica, onde essa função educadora se exerça com autoridade e segurança” (*idem*:112).

Na apresentação da *Revista Moderna*, Eça de Queirós descreve o jornalismo como uma exposição abreviada de uma sucessão de acontecimentos: “A notícia e a imagem são com efeito os resumos supremos, postos em curvas linhas e finos traços, de vastos e complicados movimentos do pensamento e da ação” (Queirós, 2005: 47).

Inegável é que Eça de Queirós não se inibe de denunciar as imperfeições do jornalismo. Em 26 de Abril de 1894, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, destacamos: “Incontestavelmente foi a imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que mais concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já irradicável hábito dos juizes ligeiros.” (Queirós, 2002a:458). Aqui, é o valor ético de sua conceção, que a mantém viva e intacta em relação às exigências do jornalismo atual. A mesma ideia repete-se na ficção. Em *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), a personagem troça dos periódicos afirmando que “o jornal não passa de uma massa espumante de juízos ligeiros” (Queirós, 2002:217), que corresponde a uma “nova escola de intolerância” (*idem*:221) e que “é não só o Pai da Mentira, mas o Pai da Discórdia” (*idem*: 223). Segundo Fradique, os grandes vícios do jornalismo da época são: a superficialidade no trato dos acontecimentos, a acusação sem provas, a falta de rigor no apuramento dos factos, o abuso dos estereótipos, o jornalismo como fator de projeção social e vaidosa, o sensacionalismo, a falta de originalidade na forma de noticiar, o favorecimento e o abuso do poder jornalístico, o jornal como publicação partidária, e a falta de objetividade. Embora sejam críticas de ontem, sua força de verdade, para nós, ainda é de hoje. Retenha-se, entretanto, que o estilo de Eça de Queirós jornalista está bem longe do jornalismo atual. O facto de o periódico do século XIX ser um desenvolvimento dos debates parlamentares e das polémicas políticas confere-lhe um carácter grandiloquente bem distinto da linguagem direta do jornalismo moderno.

## Conclusão

Neste trabalho, entendemos o jornalismo de Eça de Queirós como um meio de infundir no senso comum o moderno espírito crítico, quer pelo sentido da análise quer pelo sentido do *humour*. Mas importou aqui, não o significado do jornalismo de Eça de Queirós no âmbito de sua obra literária, mas especialmente, o significado desse mesmo jornalismo no contexto cultural oitocentista.

Parece-nos claro que ao definir, no *Distrito de Évora* (1867) as funções e as potencialidades do jornal, Eça traçou as linhas mestras que deveriam pautar o comportamento profissional de um jornalista. Assim, acreditamos que ao publicar, durante mais de trinta anos, Eça acabou por elaborar uma verdadeira teoria sobre o jornalismo.

Ao levar às bancas crônicas, folhetins e até reportagens, Eça de Queirós comunicou ao público (tanto aos portugueses como aos brasileiros), em cores vivas, uma imagem perturbadora do final século XIX: o contraste entre o tradicionalismo e a necessidade de modernização do próprio jornalismo.

## Referências bibliográficas:

- David, Celestino (1945) *Eça de Queiroz em Évora*. Montemor-o-Novo: Empresa Gráfica Lda.
- Eça de Queirós, José Maria (1992) *A Capital!* Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2002) *A Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa: Livros do Brasil, Março 2002.
- \_\_\_\_\_ (2003) *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil, 2003.
- \_\_\_\_\_ (1999) *A ilustre casa de Ramires*. Edição crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elena Losada Soler. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (s/d) *Cartas inéditas de Fradique Mendes*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- \_\_\_\_\_ (2001) *Cartas de Inglaterra e Crônicas de Londres*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2001a) *Cartas e outros escritos*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2001b) *Cartas de Paris*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Contos*. Porto: Porto Editora.
- \_\_\_\_\_ (1978) *Correspondência*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- \_\_\_\_\_ (2008) *Correspondência*. Volume I e II .Organização e Notas de A. Campos Matos, Lisboa: Caminho.
- \_\_\_\_\_ (2000) *Da colaboração no "Distrito de Évora" I*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2000a) *Da colaboração no "Distrito de Évora" II*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2000b) *Da colaboração no "Distrito de Évora" III*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (1996) *Folhas Soltas*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- \_\_\_\_\_ (2000c) *Lendas de Santos*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2000d) *Notas contemporâneas*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2003) *O Mandarim*. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2007a) *O primo Basílio*. Episódio doméstico. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Os Maias*. Episódios da vida romântica. Lisboa: Livros do Brasil.
- \_\_\_\_\_ (1981) *Prefácio d'O Brasileiro Soares*. Luís de Magalhães. Porto: Lello & Irmão Editores.
- \_\_\_\_\_ (2001c) *Prosas bárbaras*. Lisboa: Livros do Brasil, Fevereiro.
- \_\_\_\_\_ (1966) *Prosas esquecidas V (Farpas 1871)*,

- Edição apresentada por Alberto Machado do Rosa. Lisboa: Editorial Presença.
- \_\_\_\_\_ (2002a) *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elza Mine e Neuma Cavalcante. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Textos de Imprensa I (da Gazeta de Portugal)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Carlos Reis e Ana Teresa Peixinho. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2005) *Textos de Imprensa V (da Revista Moderna)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Elena Losada Soler. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (1995) *Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal)*. Edição Crítica das obras de Eça de Queirós. Edição de Maria Helena Santana. Coordenador Carlos Reis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_ (2004) *As Farpas. As Farpas originais de Eça de Queiroz*. Coordenação geral e introdução: Maria Filomena Mónica. São João do Estoril: Principia.
- Faro, Arnaldo (1977) *Eça e o Brasil*. São Paulo: Editora Nacional.
- Filho, Luís Viana (1983) *A vida de Eça de Queiroz*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1983.
- Junior, Benjamin Abdala (org) (2000) *Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- Lyra, Heitor (1965) *O Brasil na vida de Eça de Queirós*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Magalhães, José Calvet de (2000) *Eça de Queiroz. A vida privada*. Lisboa: Editorial Bizâncio.
- Miné, Elza. (1986) *Eça de Queirós jornalista*. Lisboa: Livros Horizonte.
- \_\_\_\_\_ (2000) *Páginas flutuantes. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Cotia- SP: Ateliê Editorial.
- Mónica, Maria Filomena (2001) *Eça de Queirós*. Lisboa: Quetzal Editores.
- \_\_\_\_\_ (2004) *Eça de Queirós jornalista*. Cascais: Principia.
- Moog, Viana (1947) *Eça de Queiroz e o século XIX*. (3.<sup>a</sup> edição). Porto Alegre: Edição da livraria do Globo.
- Real, Miguel (2006) *O Último Eça*. Matosinhos: Quidnovi.
- Reis, Carlos (2009) *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70.
- Reis, Jaime Batalha (2001) “ A primeira fase da vida literária de Eça de Queirós” in *Prosas Bárbaras*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Rita, Annabela (1998) *Eça de Queirós cronista: do Distrito de Évora (1867) às Farpas (1871-1872)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Serrão, Joel (1983) *Temas de cultura portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Simões, João Gaspar (1961) *Eça de Queirós. A obra e o homem*. Lisboa: Editora Arcádia.
- Tengarrinha, José (1989) *A história da imprensa periódica portuguesa*. (2.<sup>a</sup> edição). Lisboa: Caminho.
- Traquina, Nelson (2007) *O que é jornalismo*. Lisboa: Quimera.